

# PARLAMENTARISMO OU PRESIDENCIALISMO?

26. 7. 46 - Jornal de Santos

SOU muito grato ás generosas expressões com que me honrou, em sua última réplica, o illustre deputado sr. Pedro Vergara. E é mais para corresponder a tamanha gentileza, do que por outro motivo, que aqui me acho de novo e pela última vez.

Em verdade, o debate que temos mantido não é uma discussão, mas um equívoco. Julgava eu estar cotejando presidencialismo e parlamentarismo á luz da democracia representativa, pois ambos os sistemas se apresentam como modalidades dela. Vejo eu, porém, agora, claramente, o que, antes, perceberei confusamente: o meu nobre antagonista não aceita a premissa democrática, ou, pelo menos, lhe opõe graves restrições.

Assim, não acredita ele na fôrça da opinião pública, a não ser em ocasiões verdadeiramente excepcionais, isto é, quando, numa crise de salvação pública, a nação se movimenta como um todo. O pressuposto que o povo, a cada momento, ou sempre que fôr necessário, fará

**“Parlamentarismo ou renuncia à Democracia”, afirma Raul Pilla, deputado pelo Partido Libertador, em resposta ao brilhante artigo de Pedro Vergara, deputado pelo P.S.D.**

valer a sua vontade junto dos governantes, é para E. Excia., uma ficção.

Confirma-se aqui, uma vez mais, a observação que tive ensejo de fazer da tribuna da Assembléa: toda vez que se combate o sistema parlamentar, está se combatendo, realmente, a democracia representativa, da qual ele constitui a expressão mais perfeita.

Se, no pensamento do illustre representante pelo Rio Grande, a opinião é uma ficção, o que devêramos estar discutindo, para que o nosso debate tivesse sentido, é “democracia e anti-democracia”, em vez de “parlamentarismo e presidencialismo”. A não ser que s. excla. (e nis-

to não estou eu longe de convir) considere o presidencialismo uma forma, embora atenuada, de anti-democracia...

\*\*\*

Outro ponto em que se manifesta claramente a descrença democrática do meu illustre contraditor é o relativo aos partidos. Para s. excia. não passam estes de simples organizações de interesses, regidas de cima para baixo, e impérvias ao influxo de sentimentos superiores patrióticos. O eleitorado vota sempre ás cégas, inconscientemente, obedece sempre ás ordens dos chefes, pouco lhe importando saber se o Partido está, sim ou não, atendendo aos interesses superiores da coletividade.

Será isto fruto da experiência pessoal do nobre deputado pelo Rio Grande do Sul. E' em parte, também, resultado da minha experiência; mas só em parte, porque a minha experiência é mais rica e variada e conhece, no seio dos partidos, os movimentos da opinião popular. Demais, preciso é não esquecer a influência deletéria que sobre a vida partidária exerce o presidencialismo, que, neste como em outros pontos, se contrapõe ao parlamentarismo. Ainda aqui, se não

há, nem pode haver verdadeiros partidos, votados ao bem público, é a própria democracia, e não simplesmente o sistema parlamentar, o que se põe em cheque.

\*\*\*

Não há, pois, como continuar frutuosamente este debate. Antes de chegar a ele, era preciso que nos tivéssimos posto de acordo a respeito de outra tese mais geral — democracia representativa. Somente depois disto, teria sentido discutir

• CONCLUI NA 8.ª PAG.!

as excelências respectivas do sistema parlamentar e do sistema presidencial.

Vou terminar, usando as mesmas expressões e argumentos do sr. Pedro Vergara, mas para chegar a uma conclusão oposta.

“A falta de educação política, a tendência personalista, que sobe dos governados para os governantes, a ambição de mando, a vida comunitária ou seja a dependência do poder, gerada pela pobreza e expressa no funcionalismo, tudo isso que nos caracteriza” requer urgentemente o corretivo do sistema parlamentar. Esse é o dilema: ou parlamentarismo, ou renúncia á Democracia.

RAUL PILLA